

PARA ALÉM DE REPOSITÓRIOS DA CULTURA ESCOLAR: cartografia dos lugares de memória da educação de Porto Alegre/RS

BEYOND SCHOOL CULTURE REPOSITORIES: cartography of the places of memory of education in Porto Alegre/RS

Lucas Costa Grimaldi¹

Resumo: O presente estudo analisa instituições que salvagam elementos da cultura escolar de Porto Alegre/RS. Analisam-se os conceitos de arquivos escolares, museus escolares e museus de educação com a intenção de problematizar sua emergência e seus acervos. Trata-se de locais que atuam como lugares de memória da educação porto-alegrense, e, portanto, há a necessidade de divulgação desses espaços. Constituem-se em lugares de memória que efetuam diversas práticas para essa salvaguarda documental. Os espaços analisados, em sua maioria, caracterizam-se por serem espaços de pesquisa, ensino e preservação arquivística.

Palavras-chave: Museus de Educação. Cultura escolar. Patrimônio educativo.

Abstract: The present study examines institutions that safeguard elements of the school culture in Porto Alegre/RS. It analyzes the concepts of school archives, school museums and museums of education with the intention of problematizing their emergence and their collections. These are sites that act as places of memory of education in Porto Alegre, so that there is a need for the dissemination of these spaces. They are places of memory that perform various practices designed to safeguard documents. Most of the spaces analyzed are characterized as spaces of research, teaching, and archival preservation.

Keywords: Education museums. School culture. Educational heritage.

Não são apenas um arquivo da escola, os museus estão em movimento e já não são apenas casas que guardam marcas do passado, são territórios muito mais complexos, são práticas sociais que se desenvolvem no presente e que estão envolvidas com a criação, comunicação, afirmação de identidades, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais (NASCIMENTO; CHAGAS, 2006, p. 14).

INTRODUÇÃO

O presente estudo analisa os acervos, museus e memoriais escolares da cidade de Porto Alegre a partir da relação com a pesquisa no campo da História da Educação. Essa cartografia desses lugares de memória educativa se faz necessária, pois, além de serem espa-

ços instigantes, estão ligados às nossas práticas de pesquisa.

Intenciona-se introduzir algumas questões teóricas sobre estes espaços de memória, na sequência apresentar alguns acervos e museus de Porto Alegre, principalmente para fomentar futuras pesquisas, e finalizar apresentando como se constituiu o Memorial do Colégio Farroupilha. Isso se deve ao fato de que este Memorial possibilitou a consecução de diversas pesquisas que foram apresentados na primeira edição do Encontro de Pesquisas em História da Educação e Cultura Escolar.

Antes de partir para a análise das instituições de salvaguarda documental, é necessário conceituar esses lugares multifacetados. Os museus escolares emergem no século XIX, na Europa e posteriormente no Brasil,

¹ Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação pelo PPGEdU/UFRGS. Bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: lucascgrimaldi@gmail.com.

como forma de apoio pedagógico ao professor, principalmente em razão do Método Intuitivo, da chamada Lição de Coisas. E estão ligados intimamente com coleções para a prática pedagógica, geralmente com vínculos ao museu de história natural, atuando diretamente na aprendizagem. Para Petry, “os museus escolares dos séculos XIX e XX ocupavam-se da temática escolar, da recolha e organização de material para o ensino dos escolares, mas não da guarda da sua memória” (PETRY, 2011, p. 1). Ainda sobre os museus escolares, Zita Possamai (2017) exemplifica que o museu escolar poderia ser um “armário em madeira que servia à guarda dos objetos para a lição das coisas, o museu dentro da sala de aula”.

Em contraposição aos museus escolares estritamente ligados à prática pedagógica cotidiana emergem os museus de educação. Estas instituições preocupam-se diretamente com a memória e o patrimônio da escola ou instituição educativa a que estão vinculadas. Os museus de educação, em sua maioria, vão ao encontro do que diz Ulpiano de Meneses (2011, p. 418): “Um museu de história deve ser um museu de problemas e não de coisas históricas”.

As instituições apresentadas neste estudo são consideradas museus de educação por terem essa vinculação à memória e também por constituírem-se como instituições museais, isto é, possuem plano museológico e expográfico próprio, atividades de educação para o patrimônio e salvaguarda documental. O presente estudo analisa os principais acervos e museus de educação de Porto Alegre: o Memorial do Colégio Farroupilha, Arquivo da Faculdade de Educação da UFRGS, Memorial da Escola Técnica Irmão Pedro, Memorial do Colégio Rosário, Memorial do Colégio Sevigné e Memorial do Colégio Americano.

1 ACERVOS E MEMORIAIS ESCOLARES: EXPERIÊNCIAS DE SALVAGUARDA DOCUMENTAL

O arquivo petrifica esses momentos ao acaso e na desordem; aquele que o lê, que o toca ou que o descobre é sempre despertado primeiramente por um efeito de certeza. A palavra dita, o objeto encontrado, o vestígio deixado tornam-se representações do real. Como se a prova do que foi o passado estivesse ali, enfim, definitiva e próxima. Como se, ao folhear o arquivo, se tivesse conquistado o privilégio de “tocar o real”. Então, por que discursar, fornecer novas palavras para explicar aquilo que simplesmente já repousa sobre as folhas, ou entre elas? (FARGE, 2009, p.18)

No excerto acima emergem indícios do poder discursivo do arquivo/museu escolar. O arquivo instiga, seduz, põe em dúvida, desassossega, cria uma atmosfera própria, é capaz de levar o pesquisador a conhecer histórias, que muitas vezes passaram despercebidas. Este “não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social” (RICOEUR, 2007, p. 177). Um local onde é possível “viajar pelos documentos, pelos caminhos da memória e da imaginação, [...] pelas infinitas possibilidades da palavra” (CUNHA, 2015, p. 21). Um local de muitos enunciados e também de múltiplas possibilidades de análise.

Para Cunha (2014, p. 4) os arquivos escolares têm como objetivo reunir, salvaguardar e conservar informações e dados produzidos nas, sobre e pelas escolas e, assim, rastrear milhares de documentos que sobreviveram ao desgaste do tempo e ao perigo do esquecimento. Além disso, são instrumentos/atores da preservação do patrimônio histórico-educativo.

Consta na legislação desde o início da república a necessidade das escolas públicas de elaborar um arquivo com a principal documentação funcional. Isso se intensificou, durante as inspeções federais na primeira metade do século XX, englobando também as escolas privadas.

A organização, catalogação, preservação do acervo escolar e sua utilização como espaço de pesquisa para a compreensão do campo da História da Educação permitem que esse acervo deixe de ser algo confinado ao esquecimento, a depósitos insalubres, ou mesmo de ser entendido como inativo, algo indesejado e inútil:

[...] integrado à vida da escola, o arquivo pode fornecer-lhe elementos para a reflexão sobre o passado da instituição, das pessoas que a frequentaram ou frequentam, das práticas que nela se produziram e, mesmo, sobre as relações que estabeleceu e estabelece com seu entorno (a cidade e a região na qual se insere) (VIDAL, 2005, p. 24).

A cidade de Porto Alegre possui em torno de dez instituições que denominamos de Acervos ou Memoriais Escolares. Em sua maioria, foram criadas por mantenedoras privadas e possuem uma lógica institucional diferente das instituições públicas.

Atuam como instrumentos de preservação do patrimônio histórico-educativo, seja em atividades de conservação documental, exposições ou atividades pedagógicas. Cada uma das instituições apresentadas possui sua especificidade, e por isso tem interesse em ressaltá-las e divulgá-las.

Início pela instituição de salvaguarda escolar mais antiga de Porto Alegre, o Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço. O museu foi criado em 1994 pela Rede Metodista de Educação, localizando-se em um prédio anexo ao Colégio Americano. Conta com três salas de exposições permanentes que narram a história do Instituto Porto Alegre e do Colégio Americano, instituições educativas criadas pelos metodistas desde o final do século XIX.

Figura 1: Réplica de uma sala de aula do Colégio Americano



Fonte: Acervo pessoal.

Dentre os documentos preservados pelo museu saliento a coleção de periódicos escolares. Esta contém exemplares do jornal *Colunas*, anuário do Instituto Porto Alegre, desde 1930, e edições do periódico *Crisol*, jornal exclusivamente feminino criado pelas alunas do Colégio Americano, na década de 1920.

Os escritos presentes nas publicações revelam muito do espaço discursivo presente nestes ambientes. As publicações escolares devem ser pensadas como veículos importantes para a prática pedagógica, e também como repositório e vitrine das atividades realizadas dentro do espaço da escola. Para Almeida (1999, p. 248), essas publicações “traduzem aspectos significativos do cotidiano escolar e mostram indícios de saberes e de práticas escolares”. Dizem muito sobre seus escreventes e também sobre o contexto em que estão inseridas, seja escolar ou até familiar. Na esteira desse pensamento, Cattani e Bastos (1997, p. 5) afirmam a importância em “estudar o pensamento pedagógico de um determinado setor ou grupo social a partir da análise do discursivo

veiculado e da ressonância dos temas debatidos dentro e fora do universo escolar”.

Assim como a imprensa periódica tradicional, os periódicos produzidos dentro do espaço da escola possuem uma “riqueza e múltiplas possibilidades de abordagem” (LUCA, 2005, p. 129). A circulação dos jornais, os discursos presentes nos textos, a questão de gênero, as representações elaboradas pelos estudantes a partir de seus textos são algumas das possibilidades que se abrem ao olhar do historiador na pesquisa com periódicos escolares.

Além dessas possibilidades de pesquisa, o acervo também contém fotografias dos diversos tempos da instituição, cartas de professoras do Colégio Americano, utensílios e mobiliário do antigo internato e salas de aula do Colégio Americano e uniformes antigos do Colégio Americano.

Seguindo na esteira dos museus com uma quantidade documental significativa, partimos para o Memorial do Colégio Seigné. Atualmente, é mantido pela rede Bom Jesus. Este espaço foi inaugurado para comemoração do centenário da escola no ano 2000.

Figura 2: Memorial do Colégio Seigné



Fonte: Colégio Seigné.

Seu espaço museal comporta uma sala com objetos da cultura material escolar, conforme Figura 2. O foco de sua salvaguarda documental reside em seu extenso acervo fotográfico, que compreende álbuns e fotografias avulsas do período de 1910-2000. Além disso, possui também carteiras escolares, globos, livros, cartilhas, cadernetas de alunos, flâmulas, troféus, medalhas, canetas-tinteiro, mata-borrão, escrivaninha, telefone, bíblias, imagens e quadros de figuras religiosas,

túnicas, estola, cálices. Atua apenas com uma exposição permanente de seus objetos e também recebe pesquisadores.

Figura 3: Memorial do Rosário



Fonte: Colégio Rosário.

Em contraposição aos acervos com uma infinidade documental, temos o Memorial do Colégio Rosário. Este possui uma museografia pautada na simplicidade. Criado para as comemorações do centenário da instituição, no ano de 2004, o espaço conta com uma linha do tempo da história da instituição e suas modificações, principalmente espaciais.

Localiza-se em uma pequena sala envidraçada no prédio principal do Colégio Rosário na praça D. Sebastião – centro de Porto Alegre. Funciona com uma exposição permanente de objetos da cultura escolar da instituição de ensino marista.

Figuras 4 e 5: Memorial da Escola Técnica Irmão Pedro



Fonte: ETC Irmão Pedro.



Para contrapor às instituições privadas, trago o exemplo do Memorial da Escola Técnica Irmão Pedro, criado pelos alunos do PIBID-História/UFRGS, no ano de 2012, em comemoração aos 50 anos da instituição.

Seu espaço museal é dividido em tempos temáticos: tempo da instituição, tempo das sociabilidades e tempo da profissionalização. Realiza atividades de educação patrimonial e ensino de História. Segundo Silva (2012),

o Memorial foi dividido em tempos temáticos de forma que se distinguisse da linha cronológica tradicionalmente pensada para esse tipo de exposição. Ao invés de relatar o que aconteceu a cada ano na escola, foram selecionados três temas: tempo da instituição, tempo das sociabilidades e tempo da profissionalização.

Figuras 5 e 6: Arquivo da Faculdade de Educação



Fonte: Acervo pessoal.

Outro exemplo de acervo público é o Arquivo da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Este foi idealizado no ano de 2010, pelas professoras Dóris Almeida e Carmem Gil, fruto do projeto Memória Faced.

O projeto objetivava estudar e divulgar as memórias da instituição a partir da constituição de um arquivo e um acervo de história oral. Para tanto, houve empenho da administração da instituição para a criação de um arquivo que salvaguardasse a documentação corrente.

Desde 2010, seu acervo aumentou consideravelmente. Conta com áudio e transcrição de 40 entrevistas realizadas com antigos alunos, professores e técnicos da FAGED; jornais; relatórios; fotografias; atas institucionais; planos de disciplinas; diários de classes; correspondência interna; documentação dos professores da instituição e documentos relativos ao currículo do Curso de Pedagogia.

Os acervos e museus escolares aqui apresentados foram constituídos de diversas formas: por bolsistas de graduação, pelas instituições em virtude de comemorações, ou simplesmente pelo ato de recolher a documentação e atribuir um local para guarda. Em suas histórias, houve a necessidade de organização, catalogação, preservação do acervo escolar, principalmente para dissociar-se da visão do senso comum que considera estes lugares de memória como “arquivo morto”.

Nesta pequena cartografia dos espaços de salvaguarda educativa de Porto Alegre evidenciaram-se as minúcias de seus acervos e características desses espaços com a finalidade de divulgá-los e instigar novas pesquisas. Constituem-se como locais privilegiados de pesquisa, não só para a área de História da Educação, mas também para quem pesquisa histórias de família; história urbana; história de ordens religiosas; história da fotografia – acervos imagéticos.

2 O MEMORIAL DO DEUTSCHER HILFSVEREIN DO COLÉGIO FARROUPILHA: ESPAÇO MULTIFACETADO DA CULTURA ESCOLAR

Ao adentrarmos nos museus escolares, estamos penetrando no dia a dia da escola, onde os métodos de ensino são analisados e pesquisados, os materiais didáticos, as relações professor/aluno, aluno/aluno, professor/professor, professor/direção, escola/sociedade. Nos museus escolares, também podemos destacar como fonte de pesquisa o patrimônio imaterial, que pode ser definido como o relato das vivências e reminiscências trazidas pelos ex-alunos e ex-professores de escola. É nesse relato que encontraremos a memória afetiva, preservada, pensada, lembrada e sentida.

Para compreendermos a história de uma instituição, precisamos adentrar no seu passado, a fim de analisarmos os diferentes momentos que foram construídos e sua repercussão na educação, na socie-

dade e na história de cada indivíduo. Portanto, é necessário, neste momento, penetrar no espaço – o Memorial do *Deutscher Hilfsverein* do Colégio Farroupilha.

O Memorial do Colégio Farroupilha constitui-se como um espaço de memória da educação na cidade de Porto Alegre e do Colégio Farroupilha. Inaugurado em 5 de junho de 2002, guarda, em seu acervo, cadernos escolares, documentos da escola, fotografias de alunos, professores, livros didáticos, boletins, convites de formaturas, uniformes, caneta-tinteiro, mata-borrão, instrumentos de laboratórios, máquinas fotográficas, computadores, mimeógrafos, gravadores, etc., que fazem parte da história da escola e de sua mantenedora, a Associação Beneficente e Educacional de 1858.²

O memorial atua como meio de comunicação entre os alunos, professores e a memória de uma entidade escolar que possui 130 anos. Aberto à comunidade escolar, o Memorial, além de ressaltar a importância da preservação e da divulgação da ABE/1858 e do Colégio Farroupilha, tem por finalidade preservar e divulgar diversas histórias e memórias que compuseram o campo da educação porto-alegrense. Através da pesquisa no acervo, busca-se promover o encontro entre pesquisa e atividade pedagógica.

O Memorial ocupa uma sala no andar térreo, promove exposições históricas, culturais e artísticas no saguão de entrada da escola e está aberto permanentemente à visitação pública. O espaço conserva uma quantidade significativa de documentos³, materiais escolares, fotografias, etc.

Figura 7: Primeiro espaço do Memorial



Fonte: Colégio Farroupilha.

² Sobre a Associação Beneficente e Educacional de 1858, ver TELLES; MENEZES, 2012.

³ Além do Memorial do *Deutscher Hilfsverein*, há o acervo da Associação Beneficente e Educacional de 1858, localizado na Rua Balduino Roehrig, 200, bairro Três Figueiras.

Iniciou, no ano de 2002, com uma pequena sala no prédio administrativo da instituição (Figura 7). Em abril de 2011, o espaço físico foi ampliado, com o acréscimo de mais duas salas. Com isso, os objetos e a mobília que compõem o acervo foram distribuídos de forma mais organizada, oportunizando a criação de uma sala de aula, podendo retratar o ambiente escolar da antiga escola primária. Na sala de aula, contamos com a classe escolar, o quadro de giz, a mesa da professora, a lousa, os cadernos dos alunos, as cartilhas, a caneta-tinteiro, a tinta azul Royal, o globo e alguns quadros de turma e dos laboratórios nas paredes.

Arquivar a memória é como entrar em sótãos e porões, geralmente, a parte mais interessante dos velhos casarões, ainda que esses casarões estejam apenas em nossa imaginação. Reúnem a maior variedade de artefatos culturais, nada refugam, tudo podem receber. Organizam-se desorganizadamente, aparentemente, sem neuroses nem traumas, numa riqueza em que os modismos são postos de lado, as diferenças são aceitas e respeitadas. Tais artefatos podem ser periodicamente recuperados e causar admiração pela atualidade que sua antiguidade não apagou, ou pelo ensinamento que sua futilidade pode apresentar. Tudo depende de quem remexe nessas coisas empoeiradas: se alguém com olhos para ver, sentir e aprender ou alguém voltado para a imediatez do seu tempo. Não que os novos tempos não contenham a possibilidade de sabedoria. Mas essa se constrói sobre um lastro de passado de cuja solidez depende a construção do contemporâneo (SCHÜTZ, 1994).

A organização do acervo partiu de um trabalho anterior realizado por Lia Mostardeiro, professora que atuou durante 50 anos na instituição como alfabetizadora, que arquivou e organizou álbuns e fotografias que estavam dispersas.

Sobre a estruturação do Memorial, buscaram-se referências para a organização do espaço, a partir de visitas aos museus do Colégio Americano e do Colégio Sinodal, de São Leopoldo. A seguir, percorreram-se as trilhas do “arquivo inativo⁴” da ABE e do Colégio, de onde foram selecionados outros materiais, objetos e documentos para compor o Memorial, com o objetivo de preservar e divulgar a memória da instituição (ALMEIDA; BASTOS; JACQUES, 2011).

Os materiais foram separados, higienizados e restaurados. A etapa seguinte foi classificar, catalogar, registrar e arquivar o acervo existente. Ele está ordenado e

organizado de acordo com um sistema de registro, por letras e números, em cadernos e em pastas com as fichas de registro de doação e as de tombamento, que descrevem o material, facilitando sua localização nos armários e gavetas. As letras correspondem a todos os materiais escritos. Os números correspondem aos demais materiais. Para cada número há uma gradação em cores para identificação do objeto catalogado. Também há outros cadernos vinculados ao Memorial: um caderno de retirada e empréstimo de materiais e outro de agendamento de visitas (ALMEIDA; BASTOS; JACQUES, 2011). Atualmente, esse material está sendo novamente tratado, acondicionado em suportes neutros e posteriormente digitalizado.

O acervo não se esgota na sua materialidade, mas necessita ampliar seus horizontes, em busca dos atores sociais – alunos, professores, funcionários, pais, fotógrafos, arquitetos, engenheiros – que deram forma e corpo à história dessa instituição.

Figura 8: Ampliação do Memorial



Fonte: Colégio Farroupilha.

No ano de 2011, o espaço passou por uma pequena reforma e ganhou mais uma sala, conforme figura 8. No decorrer de 2012, oportunizamos a organização desse espaço, propiciando uma distinção entre “partes” da expografia, isto é, do conjunto das peças que formam a exposição. Foi estabelecida a divisão entre reserva técnica e espaço expositório, a réplica da sala de aula foi posta em evidência e os objetos usados na Escola Técnica de Comércio, criada em 1950, foram colocados no centro do salão. Houve uma preocupação em restaurar alguns objetos e deixar visíveis símbolos que fazem parte da história da instituição.

⁴ O arquivo inativo contém toda documentação dos setores da escola, Recursos Humanos, Tesouraria, Secretaria, ABE.

Com a mudança, a sala de aula ganhou um destaque e outros materiais e símbolos históricos da escola também foram colocados à mostra. No mês de fevereiro, o espaço do memorial, antes da mudança, foi gravado em 360° para contemplar o *tour* virtual. Em 2013, devido às reformas no prédio administrativo da escola, o memorial foi transferido para o espaço localizado ao lado da direção pedagógica, conforme Figuras 9 e 10. O novo local possui climatização e iluminação adequada para o tratamento e preservação do acervo. Além disso, um novo projeto foi concebido e alinhado com os novos conceitos que estão inseridos no planejamento estratégico da instituição.

Figuras 9 e 10: Novos espaços do Memorial



Fonte: Colégio Farroupilha.

O espaço atua também com o público externo em duas frentes: na questão da memória de seus ex-alunos, que procuram o espaço para relembrar suas vivências escolares, e também nas pesquisas acadêmicas dos bolsistas de Iniciação Científica, graduandos e pós-graduandos (PUCRS, UFRGS, Unisinos, UNIFESP), constituindo um acervo importante para a pesquisa em História da Educação no Rio Grande do Sul.

O Memorial do Colégio Farroupilha, apesar de servir para destacar a história da instituição, contribui e origina um leque de informações para o enriquecimento da cultura escolar. Barcellos (1999) afirma que uma das características do memorial é essa exaltação institucional, sendo transformado em um palco de homenagem. Com o processo de musealização, o foco deve passar dos feitos pioneiros dos imigrantes para como se deu a construção da escola, quem são os sujeitos e a interlocução entre os objetos.

Desde a criação do Memorial, realizou-se um trabalho curricular com as turmas de 2º e 3º anos do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais. São encontros semanais, em um período de dois meses, nos quais são

desenvolvidos alguns conteúdos de Estudos Sociais: a história do Memorial, da escola, do bairro, da cidade de Porto Alegre, da imigração alemã e do povoamento inicial da cidade com a vinda de casais da ilha dos Açores, abrangendo um recorte sobre os aspectos do povoamento da cidade. Nessas aulas/visitas guiadas tem-se a intenção de esmiuçar o povoamento açoriano de Porto Alegre, sem excluir a complexidade com que se deu a formação da cidade. Nas próximas visitas, o trabalho contempla outros aspectos, como, por exemplo, os povos indígenas que compunham o panorama da formação urbana da cidade. Utilizam-se vários recursos didáticos de que o Memorial dispõe: fotografias, mapas, desenhos e objetos da cultura escolar da instituição. Atividades lúdicas como quebra-cabeças, jogos de memória, trilhas com informações sobre a história, jogos com dados e pinos também são realizadas nas aulas.

Alguns documentos produzidos/acumulados/guardados pela instituição, como os regimentos, dossiês individuais dos alunos, os álbuns fotográficos, os boletins e periódicos, também são utilizados no ensino da História e da Geografia, por exemplo. Outros documentos, como programas de ensino, provas de alunos, relatórios de coordenadores, planos de aula, diários de professores, etc., constituem fonte privilegiada para o estudo das propostas curriculares e da conformação das diferentes disciplinas e podem proporcionar uma rica e necessária reflexão sobre a atividade pedagógica desenvolvida na escola.

Paralelamente às atividades para as turmas do Ensino Fundamental, são ministradas aulas para os alunos de diferentes instituições de Ensino Superior sobre a história da escola e sobre o acervo e formas de catalogação dos documentos arquivados.

Além das exposições permanentes, foram organizadas duas exposições temporárias sobre os 120 e 125 anos do Colégio Farroupilha e os 150 Anos da Associação Beneficente e Educacional de 1858, mantenedora da escola.

Diante de todas essas atividades desenvolvidas pelo Memorial, percebe-se que os trabalhos concentram os esforços desse espaço e da própria escola na realização de um projeto comum, com o objetivo de promover o encontro entre pesquisa e atividade pedagógica, por meio da integração dos diferentes agentes das práticas escolares na produção do conhecimento histórico. O envolvimento de alunos, professores, funcionários e co-

munidade local com a história da instituição visa propiciar oportunidades de reflexão sobre as relações entre memória e história, sensibilizar a respeito da importância do documento histórico e, dessa forma, de sua preservação e incorporação ao patrimônio da escola, bem como de sua utilização na atividade educacional, na implementação de programas e projetos culturais, técnicos e científicos dirigidos à melhoria das condições e da qualidade do ensino.

FINALIZANDO

Entrar em contato com memórias de educação de outras épocas e investigar a multiplicidade de documentos acumulados na história de uma escola são temas que nos colocam diante de inúmeras perspectivas de observação e de análise e provocam novas possibilidades investigativas no campo da História da Educação. Principalmente, quando entramos em contato com museus de educação, memoriais escolares e arquivos.

O presente estudo se propôs uma cartografia de algumas instituições de salvaguarda documental acerca do patrimônio educativo de Porto Alegre/RS. Após uma breve cartografia desses espaços, partiu-se para a análise do Memorial do *Deutscher Hilfsverein* do Colégio Farroupilha.

Intencionou-se mostrar a potencialidade documental nessas instituições e instigar futuras pesquisas. A maioria dos lugares apresentados possuem documentos ricos para análise de diversos campos da história, além da História da Educação.

Percebe-se que os museus e os arquivos escolares são espaços multifacetados e devem dialogar com diversos tipos de públicos, oportunizando uma experiência que busca a compreensão da história como um processo. Portanto, o objetivo deles não é ensinar história, tal qual um manual; sua função está em mostrar o processo histórico que os sujeitos vivenciaram, bem como ensinar a historicidade do mundo em que estamos inseridos. Os sujeitos e os objetos são pontos de partida para trabalharmos a história como problema. Estes espaços devem ser tratados como lugares de memória dessas instituições, como conceitou Nora (1993), sendo fundamentais para o campo da História da Educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Doris Bittencourt. **O caminho das letras: os 50 anos de alfabetização da professora Lia Mostardeiro**. Porto Alegre: ABE, 1999.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni. **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: entre memórias e histórias (1858-2008)**

In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 14, 2008, Pelotas. **Anais...** Pelotas: Asphe, 2011.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. O Crisol: periódico das alunas do Colégio Americano (Porto Alegre/RS, 1945-1964). **História da Educação**, v. 17, n. 40, Porto Alegre, maio/ago. 2013.

AMARAL, Giana Lange do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. **História da Educação**, Pelotas: Asphe, n. 11, p. 117-130, 2002.

BARCELLOS, Jorge. O memorial como instituição no sistema de museus: conceitos e práticas na busca de um conteúdo. In: VI FÓRUM ESTADUAL DE MUSEUS, 1999, Porto Alegre. **Anais...** v. 1. Porto Alegre: Conselho Regional de Museologia/RS, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara. Escritas estudantis em periódicos escolares. **História da Educação**, Porto Alegre: Asphe, v. 17, n. 40, p. 7-10, maio/ago. 2013.

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. São Paulo: Autêntica, 2008.

CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Educação em revista: A imprensa periódica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHAGAS, Mario de Souza; STORINO, Claudia M. P. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. **Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, p. 61, 2007.

CHAGAS, Mario. Cultura, patrimônio e memória. **Revista Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 31, p. 15-29, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). **Uma biblioteca anotada: caminhos do leitor no acervo de livros escolares do Museu da Escola Catarinense (Décadas de 20 a 60/ Século XX)**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina: UDESC, 2009. 80 p.

CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). Apresentação Dossiê. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 4-8, jan./jun. 2014.

CUNHA, Maria Teresa Santos (org.). Um arquivo em vários tons. In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (org.). **Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: entre memórias e histórias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2015.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2011.

JULIÃO, Letícia. **Caderno de diretrizes museológicas**. Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Departamento de Museus e Centros Culturais, 2006.

LUCA, Tania Regina. História dos nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanizi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-154.

MAGUETA, Rita de Cássia. **Memorial do Colégio Sevigné: uma reflexão sobre a fotografia como peça de museu**. Florianópolis: ANPEDSUL, 2014.

MAIA, Leandro. **Canção do Memorial**. Porto Alegre: ABE, 2003.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **Estudos históricos (Rio Janeiro)**, [31 de março de 2011]. Entrevistador: Luciana Quillet. Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, dez. 2011. p. 405-431.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Júlia Falivene (org.). **Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: uma história em imagens (álbum fotográfico)**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2002.

NASCIMENTO JÚNIOR, J.; CHAGAS, Mário de Souza. Museu e política: apontamentos de uma cartografia. In: NASCIMENTO, Silvania Souza do; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mario (org.). **Caderno de Diretrizes Museológicas – IPHAN**, 2006. v. 1, p. 13-17.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, (10), dez. 1993

SCHÜTZ, Liane Saenger. **Sótãos e porões**: sacudindo a poeira do Colégio de Aplicação. 1994. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, Porto Alegre, 1994.

SILVA, Barbara Groff da. **Memorial da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro**: ações educativas dentro de um espaço de memória escolar. VIII Salão de Ensino – UFRGS – 2012.

TELLES, Leandro; MENEZES, Naida. **O passar dos tempos e a educação**: a excelência na história do Colégio Farroupilha. Porto Alegre: [s.n.], 2012.

VIDAL, Diana G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F.; VALDEMARIN, Vera T. (org.). **A cultura escolar em debate**: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, apoio: Unesp/FCLAr, 2005. p. 3-30.